



TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA VISADA EDUCATIVA

Silvana Pereira Rocha dos Santos¹

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de condições neurológicas que impactam o desenvolvimento, a comunicação e a interação social de um indivíduo. Cada pessoa com TEA apresenta uma manifestação única dessa condição, mas algumas características são frequentemente observadas, como dificuldades na comunicação, desafios nas relações sociais, interesses restritos e comportamentos repetitivos. Essas particularidades podem criar barreiras no ambiente escolar, tanto para os alunos com TEA quanto para os educadores. Assim, o presente estudo tem como objetivo principal caracterizar as práticas docentes dedicadas ao processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, levando em conta os desafios pedagógicos enfrentados, os dilemas institucionais presentes e as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Os resultados indicaram que as escolas manifestam um comportamento de adaptação improvisada, carecendo de práticas formativas específicas, materiais apropriados e suporte educacional essencial. Logo, é fundamental que atentemos a essa realidade para promover um ambiente de ensino mais eficaz e enriquecedor.

Palavras-chave: Educação; Inclusão; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) encompasses a set of neurological conditions that impact an individual's development, communication, and social interaction. Each person with ASD has a unique manifestation of this condition, but some characteristics are often observed, such as difficulties in communication, challenges in social relationships, restricted interests, and repetitive behaviors. These particularities can create barriers in the school environment, both for students with ASD and for educators. Thus, the main objective of the present study is to characterize the teaching practices dedicated to the process of inclusion of students with Autism Spectrum Disorder, taking into account the pedagogical challenges faced, the institutional dilemmas present and the learning difficulties of the students. The results indicated that schools manifest an improvised adaptation behavior, lacking specific training practices, appropriate materials and essential educational support. Therefore, it is essential that we pay attention to this reality to promote a more effective and enriching teaching environment.

Keywords: Education; Inclusion; Autism Spectrum Disorder.

¹ Possui Graduação em PEDAGOGIA pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2001), Especialização em Gestão Escolar pelo ICE e Educação Especial pela UNIC. Especialização em Gestão Escolar pela ICE (2001). Especialização em Neuropsicopedagogia (2017). Mestre pela Universidade FICS (2020). Atualmente é professora da sala de recurso da Escola Municipal de Educação Básica Lizamara Aparecida Oliva de Almeida.



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se destacado por um crescimento significativo no número de diagnósticos, refletindo uma condição de saúde marcada por dificuldades na interação social, comunicação e comportamento nos dias atuais. A complexidade das relações interpessoais se torna evidente, tanto no âmbito social quanto familiar. Dessa maneira, observa-se que os desafios relacionados ao desenvolvimento humano e à dinâmica entre indivíduos estão se tornando cada vez mais frequentes (BENINI; CASTANHA, 2016).

Nesse contexto, à medida que o acesso à informação e o entendimento sobre as relações humanas evoluem, também avançam os estudos concernentes aos diagnósticos de transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este transtorno é caracterizado por variações na comunicação e na interação social, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamento (MARFINATI; ABRÃO, 2014).

Segundo a Organização das Nações Unidas – ONU (2018), estima-se que cerca de um por cento da população mundial possa apresentar algum nível de Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Brasil, no entanto, faltam estatísticas oficiais, sendo encontrado apenas um estudo piloto realizado por Ribeiro, Mercadante e Paula (2007) na cidade de Atibaia, em São Paulo. Os resultados desse estudo apontaram um caso de Transtorno do Espectro Autista (TEA) para cada 367 crianças. Contudo, a pesquisa enfrentou várias limitações, como a amostra reduzida e o fato de ter sido realizada em um bairro com apenas 20 mil habitantes.

Com dados indefinidos e um aumento significativo nos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil nos últimos anos, resulta, consequentemente, em uma maior demanda por atendimentos especializados. Dentre os novos desafios, destaca-se a dificuldade de inserção dessas crianças no ambiente escolar, devido às dificuldades de aprendizagem que elas apresentam. Cada criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrenta vários obstáculos para se integrar ao padrão convencional de desenvolvimento educacional, que é fundamental durante a infância para a formação de qualquer indivíduo. Ao discutirmos os desafios que as escolas enfrentam em relação à



inclusão escolar e ao desenvolvimento social de alunos com necessidades específicas, torna-se evidente a relevância e a complexidade desse assunto.

Um processo de transformação no ambiente escolar, onde a inclusão social é promovida de maneira eficaz, tem um impacto significativo na formação de alunos com necessidades específicas. Os desafios que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam em relação ao distanciamento social e suas dificuldades de relacionamento constituem um dos maiores obstáculos no ambiente escolar, que busca torná-las participantes ativas nas atividades ali desenvolvidas.

Portanto, compreender as necessidades e identificar as particularidades de cada estudante, respeitando seus limites enquanto os desafia e estimula a explorar seu potencial, é uma das maneiras de promover interação e socialização. Para isso, é importante reconhecer que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam uma diversidade considerável, e, muitas vezes, os professores encarregados de educá-las não estão plenamente preparados para lidar com tais complicações.

ESPECTRO E INCLUSÃO SOCIAL

A sociedade tem avançado na compreensão e no respeito às diferenças individuais, o que possibilitou que as pessoas com deficiência tivessem mais acesso a direitos, bens e serviços, além de uma participação mais ativa na sociedade. Conforme aponta Maior (2018), é fundamental que os profissionais compreendam os diversos tipos de limitações e suas características, para evitar processos que possam resultar em violência ou riscos às pessoas com deficiência.

Um exemplo é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é uma desordem de desenvolvimento neurológico presente desde o nascimento ou no início da infância. De acordo com Gillberg et al. (1990), o autismo é uma síndrome comportamental com múltiplas causas, caracterizando-se como um distúrbio do desenvolvimento.

Um dos principais desafios para os educadores no processo de ensino/aprendizagem é identificar cada criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e conseguir perceber o mundo pelo seu ponto de vista, como fazem com alunos que têm outras deficiências, como auditivas ou visuais.



O renomado autor britânico David Mitchell se emocionou ao ouvir o relato de um garoto de apenas treze anos, que enfrentava um autismo severo. Contudo, com o apoio de sua mãe e de sua professora, ele conseguiu interagir quase perfeitamente com os outros. Essa experiência o inspirou a ler os escritos do menino, resultando na publicação do livro “O Que Me Faz Pular”. No livro, entre várias perguntas feitas ao menino, há uma resposta interessante que vale a pena ser lida. O autor explica, com maestria, seus sentimentos e angústias ao responder a perguntas como: Por que você faz as mesmas perguntas o tempo todo? “É verdade, sempre pergunto as mesmas coisas. 'Que dia é hoje?' Ou 'Amanhã tem aula?' Sobre assuntos simples, faço a pergunta repetidamente. Não faço isso porque não entendo – na verdade, mesmo ao perguntar, sei que entendo. A razão? É que meu esquecimento é muito rápido. Dentro da minha cabeça, não há grande diferença entre o que me disseram agora e o que ouvi há muito tempo.” (HIGASHIDA, 2007, p. 31)

Isso nos revela um mundo particular e, de certa forma, fascinante, que merece ser compreendido. A inclusão, por essência, exige uma atenção especial, pois ela só existe em contraste com a exclusão; reverter ações de um sistema frio e calculista, que busca investimento onde há maior lucro, requer não apenas habilidade profissional, mas também amor pelo que se faz. Promover a alteridade, ou seja, entender o mundo pela perspectiva do outro, facilita as relações humanas em todos os âmbitos da sociedade.

Ainda nessa linha de pensamento, de acordo com o site especializado Autismo e Realidade, vinculado à Fundação José Luiz Egydio Setúbal (2019), os primeiros sintomas do Transtorno do Espectro Autista podem ser observados em bebês com apenas alguns meses. Geralmente, os principais sinais incluem dificuldades de interação social, problemas de comunicação e alterações comportamentais. Por isso, ao incluir essas crianças no ambiente escolar, surgem as verdadeiras dificuldades e a necessidade de profissionais capacitados para tratar desse tema no contexto da inclusão escolar.

É amplamente reconhecido que não existe uma única fórmula que possa ser aplicada a todos os alunos, incluindo aqueles considerados “normais”. Cada criança, devido à sua singularidade, adota uma forma própria de agir. No caso das crianças com TEA, isso se traduz em um universo encantado e surpreendente, repleto de descobertas. Portanto, é responsabilidade do educador



compreender cada aluno individualmente e, a partir dessa compreensão, implementar estratégias que tornem o processo de ensino/aprendizagem acessível e eficaz para as pessoas autistas.

O educador deve desenvolver a habilidade de captar a essência do aluno, buscando um ponto que permita, mesmo que minimamente, a interatividade através do afeto e da confiança. Salvador (2001) elenca razões que justificam essa necessidade:

A Teoria Afetiva sugere uma anormalidade específica na forma de perceber emoções no rosto dos outros: há falhas constitucionais ligadas aos afetos, falta de coordenação entre a experiência e os comportamentos sensório-motores/afetivos, déficits na participação intersubjetiva em experiências sociais e carências afetivas, o que compromete as habilidades cognitivas e de linguagem. Como enfatizou Kanner, é inegável a multicasualidade do autismo (SALVADOR, 2001, p. 19).

É importante ressaltar que, em razão da multicasualidade, o Transtorno do Espectro Autista não pode ser tratado como uma condição que permite a adoção de uma abordagem uniforme para todos os indivíduos que a vivenciam. Cada pessoa é um universo repleto de possibilidades a serem exploradas em benefício próprio. Observamos no texto que as dificuldades de interação do aluno com necessidades específicas estão ligadas às suas limitações em manter contato visual, utilizar gestos, expressar emoções e estabelecer amizades, habilidades que normalmente caracterizam a maioria dos outros alunos em sua abrangente vivência educacional.

Segundo Salvador (2001), essas crianças já nascem, de forma biológica, sem a capacidade de promover sua relação com o mundo, necessitando da mediação de outros seres humanos para que isso ocorra. Essa perspectiva remete à definição de Kanner (1955), que afirma:

Podemos supor que essas crianças chegam ao mundo com uma inata incapacidade de estabelecer, biologicamente, o contato afetivo habitual com as pessoas, assim como outras crianças nascem com deficiências físicas e intelectuais inatas. Explorações bioquímicas recentes podem revelar novas compreensões sobre a natureza fundamental da síndrome autística (SALVADOR, 2001, p. 20).



É fundamental destacar que não podemos ainda classificar o Transtorno do Espectro Autista como uma síndrome comportamental simples, conforme o autor mencionado, pois “[...] o autismo é agora encarado como uma síndrome comportamental de prejuízo neurológico com uma ampla gama de etiologias médicas fundamentais” (SALVADOR, 2001, p. 20).

Com base nas afirmações do pesquisador, é ainda mais imprescindível desenvolver, dentro do sistema educacional, uma visão mais profissional e direcionada para essa complexa, mas crucial missão escolar, envolvendo todos os participantes – escola, pais, alunos e profissionais da educação.

Em uma análise mais superficial, alguns educadores argumentam que as dificuldades relacionadas à comunicação estão ligadas ao uso repetitivo da linguagem e, em certos casos, à dificuldade de iniciar e manter um diálogo. Entre as alterações comportamentais, notam-se o apego excessivo a interesses específicos, hipersensibilidade sensorial, limitações na imaginação e algumas particularidades que podem ser classificadas como manias.

Conforme já exploramos neste trabalho, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é composto por uma série de síndromes que compartilham duas questões centrais: dificuldade de interação social e comportamentos repetitivos. Não existe uma única definição para o transtorno, mas ele pode manifestar-se em diferentes graus de complexidade, desde os mais leves até os mais severos.

É relevante observar que, por se tratar de uma condição que afeta não apenas o indivíduo com TEA, a forma como os pais lidam com essa realidade, muitas vezes sem o devido conhecimento deste universo, também é um aspecto relevante para a pesquisa em questão. Essa abordagem é conhecida como funcional. Salvador (2001) traz novamente contribuições valiosas a respeito.

Essa concepção faz parte do modelo psicopatológico para um ponto de vista biológico. Relação pais/filho a partir de três pontos de vista: a) Comportamento dos pais = Reação à particularidade do filho (conduta existente a priori). b) Pais (sobretudo a mãe) = Fonte básica de patogenidade. c) Incapacidade inata da criança em se relacionar, comprometida pela personalidade dos pais = Distúrbio funcional de origem psicopatológica (SALVADOR, 2001, p. 9).



Um dos aspectos alarmantes mencionados no texto anterior, especificamente no item “a”, entre parênteses, que afirma: “conduta existente a priori”, se refere à percepção que a maioria dos pais possui sobre o tema; assim, a inclusão dessas pessoas vai muito além de ser um simples fator relevante no ambiente educacional.

Conforme Salvador (2001) discute sobre a citação acima, os autores, ao finalizarem suas reflexões, apresentam uma visão mais abrangente sobre o transtorno, indicando que se trata de "uma desordem psicológica total, que torna necessário um estudo da compreensão de cada etapa da integração biológica, psíquica e social" (KANNER; EISNBERG, 1956). Portanto, é imprescindível considerar a criança como um ser humano concreto, refletir sobre o desenvolvimento de sua psique e a forma como a sociedade a acolherá, respeitando suas diferenças.

Diante dessas realidades, é crucial reconhecer que o entendimento a respeito das condições de uma criança com Transtorno do Espectro Autista continua a ser um desafio para a sociedade. A diferença e o fechamento no contexto social dificultam ainda mais essa compreensão. Existe, ainda, o desafio para a família em aceitar e compreender a necessidade de tratamento e acompanhamento especializado. Como mencionado anteriormente, as crianças que apresentam esse tipo de transtorno constituem um desafio diário para a escola, a família e a sociedade, sendo a inclusão vital para seu desenvolvimento.

Assim, é essencial considerar o seguinte ponto destacado por Martinez e Tacca (2011):

[...] o princípio da inclusão passa a ter valor na sociedade atual, pois reflete o trabalho social de um considerável grupo de pessoas, integrando conceitos fundamentais de justiça e responsabilidade social, solidariedade e reconhecimento da diversidade humana. Ademais, implica que todos participem, não em uma ética abstrata, ditada por normas idealizadas, mas em uma ética que surge e se legitima nas relações com o outro, nosso semelhante diverso (MARTINEZ; TACCA, 2011, p. 154).

É importante ressaltar que ter a capacidade de ver o diferente como semelhante exige, não apenas dos educadores, mas de qualquer indivíduo



envolvido nessa questão, uma visão privilegiada acerca da vida e da sociedade, onde os dramas cotidianos se desenrolam.

A compreensão das condições de uma criança com Transtorno do Espectro Autista continua sendo um desafio para a sociedade. A singularidade e o isolamento no contexto social tornam essa compreensão ainda mais complexa. O desafio da família em aceitar e entender a necessidade de tratamento e acompanhamento especializado persiste.

Segundo Bosa (2006), quando uma criança apresenta um déficit significativo em suas habilidades de comunicação, pode ser necessário recorrer a formas alternativas de comunicação. O autor enfatiza que a escola e a sociedade devem se comprometer com o desenvolvimento dessa criança, incorporando ferramentas essenciais para sua inclusão, uma vez que o processo de comunicação é fundamental para o desenvolvimento saudável de um indivíduo.

Como mencionado pelo autor, cada indivíduo que apresenta Transtorno do Espectro Autista possui um conjunto diversificado de características que, muitas vezes, são bastante individuais. Essas características influenciam a forma como cada um se relaciona, expressa e se comporta. Para Bosa (2006):

[...] Em geral, a maioria dos indivíduos tende a melhorar com a idade quando recebe cuidado apropriado, todavia, os problemas de comunicação e socialização tendem a permanecer durante toda a vida (BOSA, 2006, p. 548).

Conforme mencionado anteriormente, os transtornos são frequentemente identificados nos primeiros 24 meses de vida. É importante ressaltar que pesquisas realizadas pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP, focadas em famílias, têm mostrado uma maior incidência de autismo entre irmãos do sexo masculino. De acordo com os estudos, “[...] se existirem variantes [...] a frequência dos casos é quatro vezes maior em meninos do que em meninas” (JUNIOR; KUCZYNSK, 2015, p. 29). Essa discrepância levanta questões sobre os cromossomos sexuais e mutações genéticas, um tema que não será o foco deste estudo. Entretanto, é fundamental considerar os diversos aspectos que envolvem a convivência e o processo educacional de crianças com Transtorno de Espectro Autista. De acordo com Assunção e Pimentel (2000):



O diagnóstico diferencial dos quadros autísticos abrange outros distúrbios invasivos do desenvolvimento, como a síndrome de Asperger, a síndrome de Rett, transtornos desintegrativos e os quadros não especificados. Esse diagnóstico diferencial representa uma das principais dificuldades enfrentadas pelos clínicos (ASSUNÇÃO; PIMENTEL, 2000, p. 38).

Assim, a importância do processo de diagnóstico é evidente, pois garante que o indivíduo receba o tratamento apropriado, assegurando que seu desenvolvimento ao longo da vida não seja prejudicado. Os autores destacam que, para cada tipo de transtorno, o diagnóstico é distinto, e as abordagens de tratamento e desenvolvimento também apresentarão variações.

Portanto, é crucial compreender os diferentes tipos de Transtorno de Espectro Autista e suas manifestações características. Essa compreensão é vital para os educadores, pois, uma vez que as limitações variam, é necessário que haja um atendimento especializado e adequado para atender às necessidades específicas de cada criança.

CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TEA

Diante do que foi exposto, fica claro que há diversos agentes responsáveis pelo sucesso da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar. A família se destaca como um dos principais suportes para garantir que essa inclusão ocorra de maneira suave, fazendo com que a criança realmente se sinta parte do ambiente escolar.

O papel dos familiares é fundamental em todos os casos, mas, especialmente no contexto de crianças autistas, que frequentemente enfrentam dificuldades na inclusão social, a participação ativa da família se torna essencial. Nesse sentido, Batista e Bosa (2002) afirmam que:

Os indivíduos com autismo são extremamente sensíveis às mudanças de humor das pessoas ao seu redor, talvez porque estejam atentos a nuances sutis como o tom de voz, a expressão facial ou a pressão do toque, mesmo que não consigam "interpretar" toda a complexidade desse comportamento não verbal (BATISTA; BOSA, 2002, p. 36).



O ambiente em que a criança está inserida é construído de forma contínua pela família, principalmente quando há sua participação no contexto escolar. Crianças com TEA costumam se sentir invadidas nas relações sociais, e a transição do ambiente familiar para o escolar é uma tarefa que deve ser compartilhada entre escola e família. Conforme ressaltado por Cunha (2014):

[...] escola e família precisam estar em sintonia nas ações e intervenções relacionadas à aprendizagem. Isso é especialmente importante, pois há um grande suporte na educação comportamental. Isso significa que maneiras de cuidado do autista, como comer, se vestir, tomar banho e escovar os dentes, assim como a manipulação de objetos e os estímulos sociais que recebe, devem ser harmônicos em ambos os ambientes (CUNHA, 2014, p. 89).

É fundamental que o educador compreenda os desafios que as crianças com TEA enfrentam na inclusão e reconheça que o ambiente escolar deve ser moldado de maneira que atividades remetam ao seu contexto familiar, proporcionando conforto e sensação de inclusão durante todo o processo.

Cavaco (2014) destaca que o ponto mais crucial da inclusão escolar para crianças com Transtorno do Espectro Autista surge a partir do contexto familiar, sendo este o alicerce para as demais iniciativas de inclusão. Novamente, Cunha (2014) enfatiza que:

A dor familiar e a exclusão escolar são questões que preocupam muitos pais, especialmente em face das significativas mudanças no núcleo familiar. Nem sempre é fácil encontrar as melhores formas de lidar com as situações que surgem. É crucial que a escola compreenda os impactos que o espectro autístico traz para a vida em família, demandando cuidados contínuos, atenção constante, atendimentos especializados e consideráveis gastos financeiros. A compreensão das dificuldades de aprendizagem do aluno deve incluir uma visão ampla sobre a família, o que possibilitará uma melhor implementação de todas as etapas do processo educativo (CUNHA, 2014, p. 88).

Dessa forma, é evidente que os desafios da inclusão começam dentro do núcleo familiar. Conforme mencionado por Cunha (2014), o Estado deveria promover programas mais específicos de apoio às famílias que têm filhos com esse transtorno. Estudos e autores pontuam que uma das principais barreiras na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no contexto escolar é a



falta de confiança das famílias na capacidade da instituição educacional. Muitas vezes, por diversos motivos, os pais sentem dificuldade em confiar nas escolas e nos educadores, o que pode gerar um clima desconfortável nas relações.

Segundo Oliveira (2015), é comum que as famílias de crianças com TEA imponham muitos limites no ambiente escolar, o que dificulta a efetividade da inclusão, afetando, assim, o trabalho dos docentes. Cunha (2014) complementa essa perspectiva ao afirmar que:

A formação adequada do profissional permite ao educador a imparcialidade necessária para avaliar o comportamento do aluno e da família, no intuito de reorientar intervenções que não estão produzindo os resultados esperados, seja no ambiente familiar ou escolar. Reuniões periódicas com os pais, relatórios, troca de informações e observações constantes dos exames médicos laboratoriais são fundamentais para oferecer suporte substancial (CUNHA, 2014 p. 90).

Portanto, é essencial que haja um entendimento mútuo entre os pais e responsáveis das crianças sobre a competência dos educadores, visando um processo colaborativo e administrado de maneira natural e o menos traumática possível, independentemente de a criança ter ou não necessidades específicas.

Com isso, Oliveira (2015) acrescenta que todos os envolvidos precisam estar dispostos a contribuir para o desenvolvimento das crianças com TEA, pois a troca de informações e o alinhamento de pensamentos e orientações são cruciais para que essa adaptação seja positiva, permitindo que a criança se sinta acolhida e integradamente inserida no ambiente escolar.

METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente enfrentam dificuldades na adaptação às escolas regulares. A inclusão de todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, é fundamental, mas nem todos conseguem efetivamente participar desse ambiente. As metodologias adotadas no sistema educacional atual não atendem às necessidades de todos os estudantes, resultando em falhas de aprendizado, especialmente para aqueles que não assimilam o conteúdo da mesma forma que seus colegas (BOATO, 2016).



Há metodologias que realmente promovem a inclusão, fundamentadas na diversidade e no entendimento de que cada criança é única, com seu próprio ritmo de aprendizagem (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016). Com o passar dos anos, os critérios diagnósticos para o TEA evoluíram conforme as diferentes versões do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). No DSM-5 (2013), o TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por prejuízos persistentes na comunicação e na interação social em diversos contextos, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essa versão do manual consolida o TEA dentro dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, distantes da anterior concepção de Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID).

A CID-11 (2018), que compõe a Classificação Internacional de Doenças, também revisou os critérios para o diagnóstico do autismo, utilizando o termo "Transtorno do Espectro Autista" de forma única, abrangendo o autismo, a Síndrome de Asperger, o Transtorno Desintegrativo da Infância e outros transtornos invasivos do desenvolvimento não especificados.

O principal objetivo da educação é o desenvolvimento integral dos alunos. Portanto, é essencial que os professores sejam bem formados, valorizando as metodologias que podem ser aplicadas com base nas características e necessidades específicas de cada estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como foco principal a caracterização das práticas docentes voltadas para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram levados em consideração os desafios pedagógicos enfrentados, os dilemas institucionais existentes e as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Os resultados mostraram que os docentes frequentemente adotam uma abordagem improvisada para se adaptar às necessidades desses estudantes, muitas vezes sem acesso a formação específica, materiais adequados ou suporte educacional. Dessa forma, a inclusão na escola analisada ocorre de maneira não planejada e sem a devida coordenação pedagógica.



É importante ressaltar que o Transtorno do Espectro Autista é uma condição que pode impactar significativamente o desenvolvimento do indivíduo, e o processo de inclusão escolar é essencial para garantir um progresso positivo e uma integração social adequada.

As dificuldades de comunicação e interação social são características frequentemente mencionadas em relação às pessoas com TEA. Por esse motivo, o ensino de habilidades sociais tem ganhado destaque na educação de crianças nesse espectro. Várias intervenções e metodologias pedagógicas têm sido implementadas para facilitar a aquisição de habilidades de comunicação e interação social, que são cruciais para a educação dessas crianças.

Abordagens baseadas no desenvolvimento ou em relacionamentos ressaltam a importância do estilo de interação do adulto na promoção das habilidades de comunicação social das crianças. Nesses casos, os adultos são encorajados a responder a todas as tentativas de comunicação das crianças. Por outro lado, existem abordagens comportamentais ou naturalistas que visam ensinar habilidades específicas, onde o adulto desempenha o papel de guia.

A participação da família é outro aspecto fundamental a ser considerado no processo de inclusão. O desenvolvimento educacional na infância é vital para a formação do indivíduo. Assim, os desafios enfrentados pelas escolas na inclusão de alunos atípicos se tornam cada vez mais evidentes e significativos.

É essencial que haja uma interação harmoniosa entre família, escola, professores e até mesmo políticas públicas que promovam a inclusão, garantindo o direito básico à educação para todos, além de capacitar os professores e estruturar as escolas para atender às necessidades de todos os cidadãos, independentemente de suas limitações.

A relação entre família e escola é de extrema importância para um trabalho inclusivo, pois possibilita a promoção de uma inclusão de qualidade. A comunicação entre as famílias e as escolas contribui significativamente para o processo social que ocorre em ambos os ambientes, fortalecendo o trabalho conjunto em prol da inclusão.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, C. R., BOSA, C. e cols. **Autismo e Educação: reflexões e proposta de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Cadernos PDE, Paraná**, v. 1, 2016.

BOATO, Elvio Marcos. **Metodologia de intervenção corporal para autistas**. BOD GmbH DE, 2016.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Rev. Bras. Psiquiatria**, Porto Alegre, v. 28, supl.1, p. S47-S53, 2006

CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CUNHA, Adriana Alves; MOREIRA, Norma. O enfrentamento do autismo no contexto escolar. **Scientia Generalis**, v. 1, n. S1, p. 15-15, 2020.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

GILLBERG, C., EHLERS, S., SCHAUMANN, H., JAKOBSSON, G., DAHLGREN, S. O., LINDBLOM, R.; et al. Autismo menor de 3 anos: um estudo clínico de 28 casos encaminhados por sintomas autistas na infância. **Jornal de Psicologia Infantil e Psiquiatria e Disciplinas Afins**. 1990; 31 :921–934. (SALVADOR, 2001, p. 19).



HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. – Rio de Janeiro: Intrínseco, 2014.

IVO, Aurenisia Coutinho et al. Coordenação motora fina: do Direito às propostas pedagógicas da Pedagogia Waldorf em disgráficos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 71688-71705, 2020.

JÚNIOR, F. B. A.; KUCZYNSKI, E. Autismo Infantil: Novas **Tendências Perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2015. 345 p.

KANNER, L.; EISENBERG, L. **Autismo infantil de 1943-1955**. Nova Iorque: American Journal of Orthopsychiatry, 26, 55-65, 1956.

MAIOR, Jorge Luiz Souto. **É preciso enfrentar os argumentos a favor do retrocesso da condição humana**, 2018.

MARTINEZ, Albertina Mitjans e TACCA, Maria Earmem Villela. **Possibilidades de Aprendizagem, Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiências**. Campinas, S. Paulo: Ed. Alínea, 2011.

OLIVEIRA, Ana Luísa et al. O documentário e o discurso educativo: a voz da criança no cinema. In: **Conferência Internacional de Cinema de Viana 2018**. Ao Norte—Associação de Produção e Animação Audiovisual, 2020. p. 33-45.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.